CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA E AFETIVIDADE ESPACIAL NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Aline Grisol [1]

[1] Universidade Estadual de Ponta Grossa; Ponta Grossa, Paraná – E-mail: a.grisolgeo@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0003-1710-6485

Resumo Expandido

Historicamente, a cartografia esteve ligada às formas de representação dos ambientes vividos por diferentes sociedades, apresentando as particularidades e adaptações relacionadas a lugares distintos, contextos históricos e comunidades analisadas. Nesse contexto,a cartografia participativa articula a ciência, a linguagem espacial e os saberes locais, indo além de uma prática tradicional de mapeamento, essa metodologia considera aspectos sociais e as particularidades de cada realidade, utilizando representações construídas coletivamente (Sombra *et al.*, 2022). Para a Geografia, as ferramentas participativas são significativas para a compreensão do espaço vivido e expressão das territorialidades dos sujeitos de forma prática e aplicável. Nesse sentido, Hutta (2020) afirma que os territórios são diretamente afetivos, reafirmando a ligação entre um lugar e as pessoas, sendo produtores de dinâmicas afetivas relacionadas à topofilia (positiva) e à topofobia (negativa).

Buscando compreender a intersecção entre pensamento geográfico, ferramentas participativas e afetividade espacial, o presente trabalho tem como objetivo apresentar duas atividades realizadas com alunos do primeiro ano do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por meio do Estágio de Docência do Mestrado na disciplina de Prática de Campo I, com a finalidade de preparar os acadêmicos para uma futura aplicação de técnicas de diagnóstico participativo em comunidades do município de Ponta Grossa (PR).

Sob essa perspectiva, a capacitação do aluno para compreender o espaço em que está inserido com os fundamentos geográficos possibilita uma atuação focada nos saberes produzidos pela geografia. Dessa maneira, a formação inicial de professores de geografia requer práticas pedagógicas que liguem a teoria, experiência e a leitura crítica do espaço vivido, a partir disso a universidade é um importante espaço na construção de autonomia do pensamento crítico e da formação da identidade do professor (Cavalcanti, 2011).

A metodologia utilizada foi o Diagnóstico Rural Participativo. Segundo Verdejo (2006), o DRP consiste em um conjunto de técnicas e ferramentas que possibilitam a realização de diagnósticos coletivos voltados à criação de projetos e planejamento de gestão rural, sendo uma estratégia para a valorização dos conhecimentos locais, bem como aspectos culturais e tradicionais.

Entretanto, esse conjunto de técnicas e ferramentas participativas pode auxiliar em outros contextos, como comunidades urbanas ou em ambientes acadêmicos. Indo além do autoconhecimento de grupos comunitários, é uma opção para a obtenção primária de informações de campo para pesquisa e extensão.

As atividades foram distribuídas em dois momentos distintos, tendo como campo de análise o Campus Uvaranas, levando em consideração o espaço em comum de rotina e convívio dos discentes desde o início do ano letivo de 2026. Assim, no primeiro momento foi utilizada a Cartografia Participativa como ferramenta de reconhecimento espacial do campus. Através do reconhecimento do espaço em que estão inseridos, divididos em três grupos, a atividade possibilitou identificar diferentes percepções espaciais e relações de pertencimento ao ambiente universitário e desenvolveram uma representação cartográfica (Figura 1) de como observam o campus e o contexto espacial que estão inseridos.



Figura 1. Processo de construção da representação cartográfica do Campus da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Uvaranas. Fonte: A autora (2026)

Em seguida, foi desenvolvido o mapeamento dos sentimentos apresentados em diferentes lugares da universidade utilizando o conceito de " Cartografia dos afetos" descrita por Pessoa et al. (2021) como uma ferramenta de traduzir experiências do corpo e suas relações com o território . Dessa maneira, através da Figura 2, observa-se as emoções mapeadas e classificadas em diferentes cores sendo: amarelo - alegria; azul - tristeza; roxo - desconforto; rosa - curiosidade; laranja - medo.

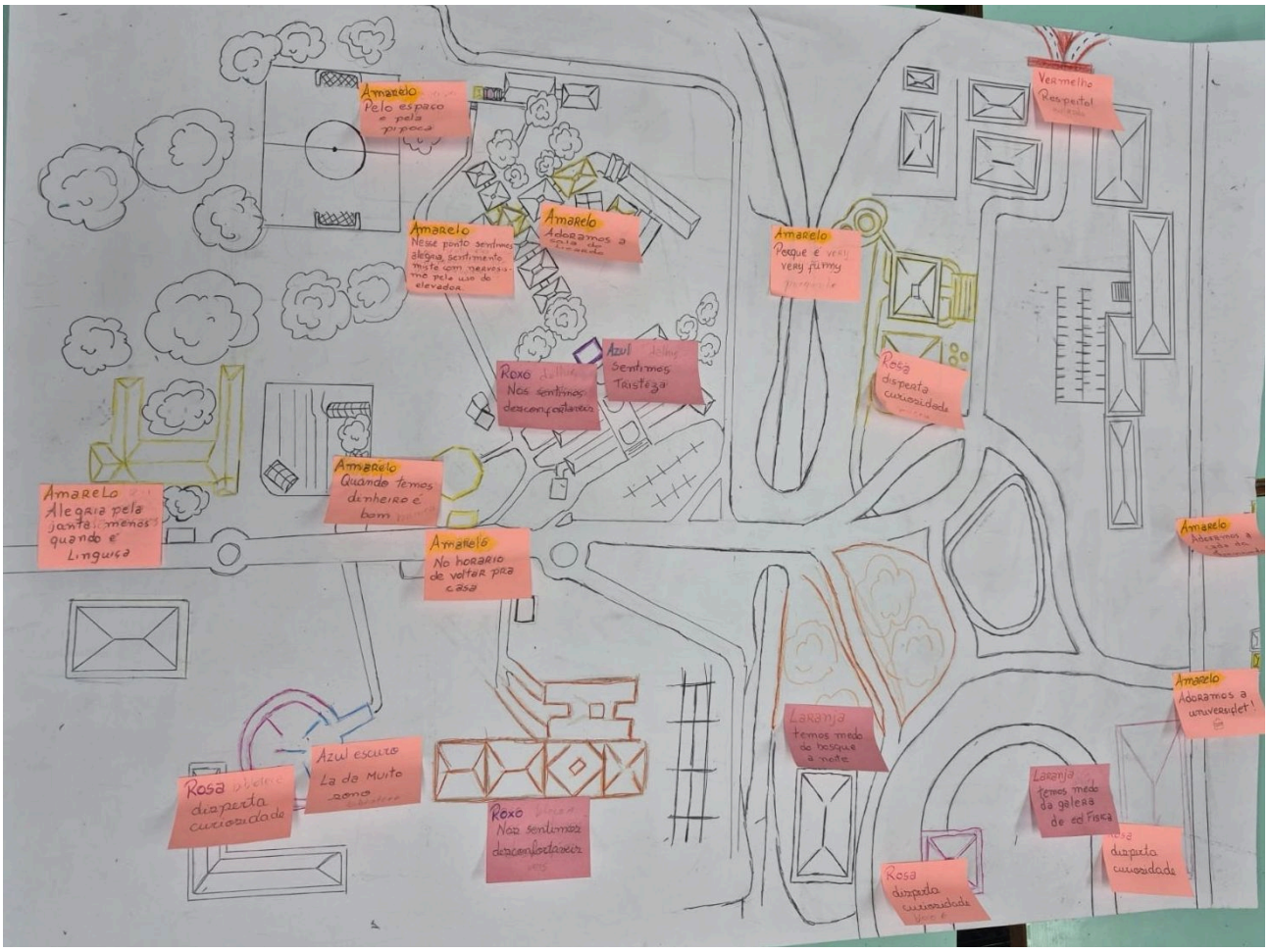


Figura 2. Mapeamento e classificação das emoções através de *post-it* e cores. Fonte: a autora (2026).

No segundo momento, o instrumento utilizado foi a Árvore de Problemas e Soluções, o qual consiste em avaliar problemas, desdobramentos e possíveis soluções, permitindo assim identificar deficiências que afetam o espaço analisado (*Silva et al*., 2024).A estrutura da Árvore de Problemas e Soluções, consiste na utilização das raízes da árvore para elencar os principais problemas e emoções negativas (falta de iluminação, medo e desconforto), no caule as possíveis causas dessas emoções e por fim na copa as ideias de resolução dessas emoções negativas e seus problemas, possibilitando assim que as emoções mapeadas na Figura 2 se tornem objeto de uma análise crítica e profunda do território e suas afetividades.

Os resultados obtidos evidenciam a percepção dos participantes em relação ao Campus Uvaranas, demonstrando diferentes formas de vivenciar a apropriação do espaço universitário. Ademais, as emoções apresentadas possibilitaram analisar aspectos estruturais como locais positivos, tendo o exemplo do Restaurante Universitário que proporciona refeições em um valor acessível, contribuindo para a permanência dos estudantes na universidade e indicando um espaço de felicidade e satisfação. Contudo, também foram destacadas emoções negativas ligadas a pontos com pouca iluminação no trajeto entre os blocos e laboratórios, gerando medo e insegurança citados principalmente pelas mulheres. Por fim, ambos os aspectos discutidos na Árvore de Problemas e Soluções possibilitaram a elaboração de possíveis soluções para os pontos negativos como a

manutenção das lâmpadas, aumento da circulação dos servidores profissionais ligados à segurança e monitoramento do campus.

Conclui-se assim que as atividades demonstraram o potencial das metodologias participativas na formação inicial de professores de Geografia, contribuindo para o desenvolvimento da leitura crítica do espaço e da sensibilidade às territorialidades vividas, além de possibilitar a compreensão das percepções e afetividades relacionadas ao espaço universitário. Dessa maneira, a metodologia contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da educação geográfica, promovendo a construção coletiva de conhecimentos que vão além de construções materiais do território, bem como uma construção social do conhecimento e configura-se como uma zona ativa de desenvolvimento para a aprendizagem (Vygotsky, 1987).

PALAVRAS-CHAVE

DRP; Árvore de Problemas e Soluções; Educação Geográfica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

Cavalcanti, L. de S. (2011). O lugar como espacialidade na formação do professor de geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, *1*(2), 1. https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/39

Hutta, J. S. (2020). Territórios afetivos: Cartografia do aconchego como uma cartografia de poder (S. Prado, Trad.). *Caderno Prudentino de Geografia*, *42*(2), 63–89. https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/download/7883/5682

Pessoa, S. C., Marques, A., & Mendonça, C. M. C. (2021). Afetos, teses e argumentos. *Selo PPGCOM/UFMG.*

Silva, P. L. da. (2024). Utilização das ferramentas de levantamento de informações do diagnóstico rápido participativo como instrumento de educação. *Revista Macambira*, *8*(1), 1–14. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.964

Sombra, D., Rodrigues, G. P., & Pinho, D. R. (2022). Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Revista Ensaios de Geografia*, *8*(16), 45–74. https://doi.org/10.22409/eg.v8i16.52257

Verdejo, M. E. (2006). *Diagnóstico rural participativo: um guia prático*. Secretaria da Agricultura Familiar do Ministério da Agricultura e Abastecimento do Brasil.

Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes.